

pequena Léa, sua filhinha de seis anos, trazendo ao colo precioso colar de pérolas...

Sente um choque. E' o colar que pertencera à vovó, fazendeira abastada noutro tempo.

Conservava-o como relíquia, nos guardados mais íntimos.

Interrompe-se e tenta alcançar a menina, agora curiosamente rodeada pelas outras. Léa, ante o olhar materno, enche-se de medo. Corre, pálida. Prende-se, contudo, o lindo colar ao pega-papéis justaposto à carteira próxima, e as pérolas se espalham pelo chão.

D. Olinda, desapontada, vai corrigir a filha, mas, ali mesmo, pela sua vidência mediúnica, vislumbra o Espírito de D. Joaquina. E' ela mesma. Comove-se e chora.

A entidade aproxima-se e diz:

— Filha, você não me pediu auxílio para as crianças? Como pôde reter esta jóia por tanto tempo, diante de tanta necessidade?

E, sem lista alguma, as pérolas soltas deram às crianças menos felizes todo um Natal de alegria, roupa numerosa e pão farto...



## Surpresa de magistrado

Comovidos ante a prece tocante da sofredora mulher, acompanhamo-la à presença do juiz.

Alcançamos a casa solarenga. Deleitosa varanda. Extenso jardim.

Sem que nos pressentisse, ajudamo-la a tocar a campainha a destacar-se na parede fidalga.

Uma serviçal atende prestativa.

Movimenta-se.

O magistrado, porém, apenas surge depois de longa espera.

Ouve, de cabeça empertigada, a visitante que chora.

— Doutor — diz ela —, peço-lhe caridade. Meu pobre marido não tem culpa. Temos oito filhinhos passando falta. Oito filhos, doutor! Tenha piedade e ajude-nos! O senhor não ignora que meu pobre Cecino foi sempre um chofer cuidadoso! O homem estava embriagado quando avançou de encontro ao carro!

O juiz, entretanto, não traiu qualquer emoção no olhar frio.

— Que deseja a senhora com semelhante arrazoado? — falou irritadiço. — Quem pensa que sou? A justiça é justiça. Seu marido foi imprudente, desnaturado. Houve premeditação inconteste e sanearei a cidade. Tomá-lo-ei para escarmento aos motoristas criminosos. Profissionais inconscientes! O processo foi corretamente conduzido por mim e a justiça provará que Cecino é um homicida quanto outro qualquer.

— Doutor, compadeça-se de nós! — clamou a infeliz.

— Nada mais tenho a dizer — falou, ríspido, o magistrado, despedindo a interlocutora.

.....  
O juiz voltava, sereno, ao interior doméstico, quando enorme alvoroço estala na rua.

— Socorro! Socorro! Pega o culpado! Pega o culpado!

Populares gritam em desespero.

Torvelinho na via pública.

Ao lado de luxuoso automóvel, último tipo, agita-se um rapaz aprisionado por homens do povo. Não longe, uma criança morta.

Inteiramo-nos, então, do sucesso triste. Era o filho do juiz, que, no carro da família, em correria desenfreada, acabava de atropelar pequenina indefesa.

Mal refeito do choque, ouvimos alguém que pede em tom respeitoso:

— Licença! Licença!

O juiz passa junto de nós com extrema agonia moral a se lhe estampar no semblante paterno.

Abraça o filho com o enternecimento de quem se compadece de um louco.

E, naquele dia, o magistrado não pôde comparecer ao fórum...

